





# A ignorância e a cobiça como causa da luta entre a humanidade

Forçado a vir a este mundo como todos os mortais, fui criado sob os carinhos e desvelos que todas as mães, dignas desse nome, sabem prodigalizar aos pequeninos entes, fruto dos seus amores.

Durante o tempo que me embalei nos doces e suaves carícias, sentia a vida como um misto de ternura e de felicidade, pois que infante e de espírito ainda fechado, não podia observar e compreender as dores deste mundo, nem chegavam até mim os gemidos dos sofrimentos que a miséria produz.

Não quis a Natureza que eu me conservasse sempre menino, e fazendo crescer e desenvolver harmonicamente meu corpo e minha inteligência, permitiu que contemplassse a Vida.

E então que vi? Fome, lágrimas, desespero. Vi a família humana, socialmente observada, dividida em dois grupos adversos: um, o mais numeroso, aquele que por justas fadigas se esfalta e nutre a sociedade, arrastava-se anêmico e andrajoso; o outro, pequeno grupo parasitário, vivia regalado, cercado de todas as comodidades e bem-estar.

Vi também lutas horríveis de irmãos contra irmãos, devastarem-se cidades, vilas e aldeias; o solo ensopado de sangue e coberto de cadáveres, e sobre um sudário de crimes a humanidade se erguia ante mim, enferrujada, amarelada e coberta de luto.

Então perguntei a mim mesmo: Será esta obra digna do homem? Deverá chamar-se-lhe o rei da criação?

A esta interrogação, a minha consciência nada respondeu e a dúvida encheu o meu espírito de terror.

Mas bem depressa compreendi que todos estes sofrimentos não provinham da Natureza, mãe e amiga, mas somente do homem que, contrariando-a e desobedecendo-lhe, se deixou viciar por suas vaidades e ambições, afastando-se das leis naturais e humanas.

Diz a Igreja que o homem foi criado por um Deus poderoso e misericordioso, à sua imagem e semelhança.

Se tal afirmação não fosse ilusória, se nós, pobres mortais, descendêssemos dum ente de tão grande bondade e poderio, cremos que a humanidade seria extremamente feliz.

Estamos convencidos que esse bondoso pai, antes de lançar seus filhos no globo terrestre, não só lhes teria preparado todos os meios suaves para uma vida risca e bela, como também lhes devia ter indicado quais os seus direitos e deveres, instruindo-os, para que nunca se afastassem do caminho do bem, da paz e do amor.

Parece-me que seria assim que o Onipotente deveria ter procedido, mas admitindo que ele, atarefado como devia estar com a sua obra de construção universal, por esquecimento ou falta de tempo, não tivesse ministrado a seus filhos estas salutares instruções, como dar-lhes na Terra o bem estar, a que tinham jus, nada estava perdido, pois que Deus logo que se visse livre da tarefa cumprida, o certo em que tinha fé, e imediatamente se valeria do seu poder, desse imenso poder que lhe dava a suprema onisciência e uma vez observando que seus filhos, desregrados, estavam sofrendo as amarguras da sua falta, guiá-los-ia pela estrada do bem e da felicidade, levando-os suavemente a amarem-se sempre como bons irmãos, não permitindo que houvesse o ódio ou as mais insignificantes discórdias.

Mas, como isto não sucedeu nem poderia verificar-se, hoje, em face do livre exame, está provada a mentira que a Igreja nos tem em pingui. Perante ela, da divindade celeste, símbolo da bondade e do amor... nada mais resta que uma mentira para enganar a humanidade, visto que o homem achando-se na terra selvagem, errante, nu e sem abrigo, sem experiência do passado nem concepção do futuro, isolado, girando ao acaso no centro dos bosques, olhou em torno de si e não viu. Então algum descido do céu, para o conduzir, ensinar ou proteger, como nos reza a Bíblia com os célicos do Senhor.

Portanto, senhores da Igreja, quei-ram quer não, a vossa criação, sincera ou hipócrita e imaginária dum Criador de todas as coisas, essa vossa impostura desmascara-se a Biologia, a observação de todos os fenômenos naturais e a obra demolidora dos filósofos.

O vosso reinado é ainda mantido apenas pelo forte poder da tradição secular e nada mais.

O homem selvagem dos primitivos tempos, compelido pela poderosa necessidade de se defender do meio hostil em que vivia, acossado pelos perigos terríveis de todo o momento, fez forte o seu cérebro, subtil e agudo o seu raciocínio, em compreender e utilizar os recursos que a Natureza lhe oferecia para esse efeito.

Foi sob o império dessa urgente necessidade e para conjurar esses perigos que se fundaram as primeiras ligações sociais, os grupos, as tribus.

Foi sem ajuda divina, apenas valendo-se dos seus próprios recursos que o homem começou a desbravar a terra e ensaiar as primeiras culturas, e assim como, de principio, cobria o corpo com as peles dos animais de que se alimentava, mais tarde ensaiou os primeiros vestuários de tecido grosseiro para se prevenir contra as intempéries das estações e depois das primeiras habitações lacustres, passou à construção de cabanas e ao abrigo mais confortável e seguro.

Despertando pouco a pouco as suas faculdades e corrigindo gradualmente a sua nativa ignorância, foi tomando todos os animais que lhe podiam ser úteis, e assim desenvolvendo a cultura da terra, como das indústrias.

Instruindo-se pouco a pouco em sciências naturais, aprendeu a distinguir as plantas úteis das nocivas, e a arte de curar suas enfermidades. Até que, com o andar dos tempos, pela observação e atenção permanente ao estudo, conseguiu medir a extensão dos céus, calcular a massa dos astros e arrebatá-los do relampago nas nuvens, amansando a fúria do mar e avassalando todos os elementos.

Com o decorrer do tempo, à medida que o progresso se ia desenvolvendo, o homem relegou para um passado remoto a lembrança dos perigos da vida selvagem e vagabunda em que a Natureza o fez nascer, e enchendo-se de orgulho pela obra da nascente civilização que criara com a sua inteligência e o seu saber, preparou-se para gozar o que julgava o supremo bem na terra.

Mas oh! fatalidade! não contava com a sua insaciável cobiça, com a sua desmedida soberba, com a sua incomensurável vaidade, com o predomínio da ferocidade ancestral.

O instinto da rapina que outrora, nas épocas distantes da barbaria, impelia as suas hordas e legiões a submeterem e avassalarem os outros povos para satisfazer os seus apetites anormais, foi o mesmo que com diversas modalidades adequadas à civilização da época e em harmonia com ela o levou a escravizar os seus semelhantes. Não se contentou com a cota parte do bem estar que lhe competia no banquete universal que a Natureza distribuiu a cada um dos seres e quis, em globo, possuir o que competia a todos, e impor pela força e pela astúcia como norma da justiça e do direito, fazendo surgir dum enorme charco de sangue, os direitos da propriedade e a opressão coercitiva da autoridade, dividindo as sociedades em ricos e pobres, em governantes e governados, em escravos e senhores. E deste modo estabelecida a desigualdade social, uma das causas originárias do infortúnio da humanidade, de quem nos devemos queixar?

Dum Deus? Não, visto que nós mesmos insurgimos contra um ser imaginário, como autor da nossa desgraça, mas apenas contra a ignorância humana que não soube compreender e por isso interpretar as leis universais nesse livro sublime e de tão profundo ensinamento que nos oferece a Natureza ao nosso estudo, na observação dos fenômenos que nos surpreendem dos seus sentidos, na interpretação e assimilação dos seus signos; mas apenas contra essa ignorância aliada à cobiça, que leva a parte da humanidade a utilizar a força da própria Natureza contra os seus semelhantes para se apossarem, em seu exclusivo proveito, dos bens que são herança de todos, transformando o homem em lobo do homem.

A ignorância e a cobiça foram as causas de todos os sofrimentos da vida do homem. E por isso que eu recordo e rememoro com paixão os meus ditos tempos de criança, em que vivia feliz e desculpado, não podendo observar nem compreender, porque não podiam chegar até ao meu espírito, ainda fechado, os gemidos e as dores do espantoso sofrimento humano, o inferno sem lenitivo, fomentado e criado pela estupidéz e maldade humanas.

F. Nunes SCHEIDECKER

Asilo Escola António Feliciano de Castilho

A festa que amanhã se realiza neste estabelecimento de ensino de cegos a que o público de Lisboa vota um tão entusiástico afecto, consta de distribuição de prémios aos alunos aprovados em exames, e imposição das insígnias de cavaleiro da ordem de Cristo, com que foi agraciada a regente do Asilo, D. Maria Adelina Ramos Ribeiro.

A festa que principia às 15 horas é abrihantada pela banda do Corpo de Polícia.

Notas várias da Lisboa triste

Colhido por uma vagoneta

Na construção da nova linha férrea de S. Tiago a Sines, trabalha um troço de operários entre eles Manuel Pereira, de 21 anos, natural e residente em São Tiago do Cacém, o qual, quando ontem ali procediam ao transporte de um desatado com a perna direita esmagada. Depois de ali terem sido prestados os primeiros socorros, veio para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao Hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, dando entrada, depois de devidamente pensado, na Sala de Observações.

Três autópsias

No Instituto de Medicina Legal realizaram-se ontem as seguintes autópsias: De Armando Pedro dos Santos, aquele «chauffeur» que, como noticiámos, foi no dia 10 último vítima de um desastre de automóvel, em Telheiras de Baixo; o seu funeral realizou-se amanhã, saindo pelas 14 horas, para o cemitério da Ajuda; de José da Assunção, aquele indivíduo que se suicidou, há dias, caso a que então aludimos; o seu funeral realizou-se hoje, pelas 14 horas, para o cemitério da Ajuda; e de Izidoro José, aquele guarda de polícia que, no dia 10 último, se suicidou no Campo Grande. O seu funeral ainda não está determinado.

Hospitais Cíveis de Lisboa

Tendo ficado deserto o curso para o 2.º ano de internato de pediatria cirúrgica, foi pela Direcção Geral dos Hospitais Cíveis, prorrogado o prazo fixado no edital de 25 de Novembro de 1926, até às 17 horas da noite de 17 de Janeiro corrente, para a entrega, pelos candidatos, dos seus requerimentos e mais documentos, devendo observar-se na sua aceitação todas as disposições do referido edital.

A questão de Marrocos

Um «raid» dos insurrectos

LARACHE, 14.—O serviço de informações teve conhecimento da existência, no douar de Harak, a 60 quilómetros a este da cidade, dum bando de insurrectos que, sofrendo as consequências da fome, projectava um assalto à fracção dos Beni Itek, contra alguns douares vizinhos. Uma harka de partidários surpreendeu, de madrugada, este bando, obrigando-o a fugir, depois dum duro combate que os obrigou a deixar no campo armas, munições e quatro cadáveres. O douar que deu asilo a este bando foi pilhado e os seus habitantes foram dispersos. Deve salientar-se a rapidez de decisão com que a harka de partidários agiu, tirando assim do seu ataque a maior eficácia.

O México e a Norte-América desavindos?

MEXICO, 14.—Considera-se próxima a ruptura de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e o México.

Solidariedade

Comitê Pró-Prasos

Reúne-se hoje, às 21 horas, sendo indispensável a comparecimento de todos os componentes.

TEATRO SALÃO FOZ  
Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45  
ULTIMOS ESPECTACULOS  
DA COMPANHIA DE BALADOS RUSSOS  
E DIVERTIMENTOS  
**SASCHA MORGOWA**  
A mais célebre atracção do mundo  
Quadros plásticos—Nu artístico  
CONCERTO pela FOZ MELODY BAND  
No écran: «Fuga da noiva»—5 partes  
Brevemente: PIMI PAMI PUM!

Teatro Apolo  
Telef. 3019 N.  
Companhia Almeida Cruz  
HOJE e todas as noites  
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30  
com a espirituosa opereta  
**MOURARIA**  
em 3 actos, original de Lino Ferreira,  
S. Tavares e L. Lauer, musicada  
pelo maestro Flápe Duarte.  
Protagonista:  
**Adelina Fernandes**  
PREÇOS POPULARÍSSIMOS  
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fauteuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.  
Geral, 2\$00

TEATRO VARIEDADES  
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES  
às 20,30 e 22,30  
COM A COMÉDIA  
**O INFERNO**

TEATRO NACIONAL  
Telefone N. 3049  
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha  
HOJE, às 21 horas  
1.ª representação da peça de  
**RAMADA CURTO**  
**JUSTIÇA...**  
Nos primicias papéis:  
**ALVES DA CUNHA**  
**BERTA BIVAR**  
**ADELINA ABRANCHES**

TEATRO AVENIDA  
Telef. 11.4356  
Hoje, às 21,30 horas  
A representação da comédia  
alemã  
**O PÉ DE SALSA**  
Adaptação dos escritores Bermudes,  
Bastos e A. Brun

IMPrensa

«Eco dos Sports»

Eco dos Sports, a magnífica revista impressa pelo moderníssimo processo de heliografia, é, sem dúvida, uma publicação que honra o jornalismo português, não só pelo seu aspecto gráfico mas também pelo cuidado que lhe merecem sempre os grandes acontecimentos desportivos nacionais e estrangeiros.

A quando do I Portugal-França, o Eco dos Sports mandou um enviado especial a Toulouse, assim como deslocou redactores e fotógrafos ao Espanha-Hungria, em Vigo, Portugal-Espanha, em atletismo, etc.

Agora com a realização do XXII «match» de futebol Porto-Lisboa, Eco dos Sports enviou ao Porto redactores e fotógrafos e fez maravilhas de reportagem gráfica. O número que sai amanhã é, portanto, um número sensacional.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Cap-Polónio», são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência às 9 horas, e pelo paquete «Niassa», para a Madeira, África Ocidental e por via Funchal para a África Oriental. Da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência ordinária faz-se às 12 horas, fechando os registos às 12 horas e do Cais da Fundição recebem-se correspondências até às 15,45, mediante o pagamento da sobre-taxa de 20 centavos por objecto.

Por via Espanha e Gibraltar também seguem malas do Correio para a Ilha de Timor, efectuando-se a última tiragem às 17,40.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária.—Amanhã em «matinée» e «soirée», realizam-se neste grupo duas festas, comemorando o 10.º aniversário da sua fundação, na qual tomam parte o grupo musical «Os Bichinhos» e o grupo de bandolistas «Luso-Brasileiros».

O programa dessas festas consta: às 15 horas, quermesse, abrihantada por um grupo musical às 20 horas, representação de uma engraçada comédia em 3 actos, despenhada por amadores do grupo, concílio poético e um acto de variedades.

No gabinete da direcção, das 21 às 24 horas, estão ao dispor dos camaradas sócios os bilhetes de convite, que dão direito a estas festas. A comissão previne os camaradas de que se encontra todos os dias na sede do grupo um delegado da mesma para receber as ofertas para a quermesse.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Teatro da Trindade  
TELEF. T. 976  
Companhia Lucília Simões-Erico Braga  
HOJE, às 9 1/4 da noite, em ponto  
Representação da peça em 3 actos e 4 quadros de Victor Marguerite, trad. de Pereira Coelho e Natos Sequeira  
**A GARÇONNE**  
(LA GARÇONNE)  
Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Jeldro, Maria Cristina, Jília Silva, Lida de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.  
«A Canção das Montanhas»  
pelo barítono Eduardo Mitos  
Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo.—Encenação da prof. Lucília Simões.

TEATRO MARIA VITÓRIA  
Telef. N. 3644  
Grande Companhia de revistas  
Hoje — às 8 1/2 e 10 1/2 — Hoje  
A revista de grande êxito  
**Sempre fixe!**  
Números de maior sucesso!  
Piadas da maior oportunidade...  
2—horas de gargalhada—2  
AVISO  
A bilheteira abre às 13 horas. Venda de dia sem aumento de preço. A 2.ª sessão termina à meia noite e 1/2 h. em ponto.

FIGUEIRA DA FOZ  
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de Redidos é administração de A Batalha, casa. Preço 2\$00; pela correio, 2\$60.

TIVOLI  
às 21 horas — Penúltima exibição  
**O último correio**  
Comédia dramática americana em seis partes com MONTE BLUE, VERA REY, NOLDS e WILLARD LOUIS  
**PORTUGAL NA CALIFORNIA**  
Exibição completa deste interessante documentário da obra dos portugueses na América (seis partes)  
REVISTA CINEMATOGRAFICA  
UMA CINE-FARÇA  
Amanhã: Matinée às 3 horas

A BATALHA na provincia e arredores

Cascais

Uma cooperativa de «chauffeurs»

CASCAIS, 13.—Um grupo de «chauffeurs» desta vila, cheios de entusiasmo, vão fundar uma nova Cooperativa de Taxímetros, pensando inaugurar esse serviço na próxima época, e com uma tabela de preços mais baixa do que a actual. É uma iniciativa que nos merece grande simpatia, atendendo a que é um punhado de trabalhadores que procuram emancipar-se.

Conferências

Resolveu a Câmara Municipal iniciar uma série de conferências públicas, tendo já sido convidados para pelas tomarem parte grande número de oradores de nomeada.

Expansão de A BATALHA

Tem aumentado nos últimos dias a venda da Batalha nesta vila, projectando-se realizar muito breve uma sessão de propaganda e incitamento aos trabalhadores deste concelho, para que divulguem e ajudem o nosso jornal.—C.

900 rebeldes presos em Sumatra

AMSTERDÃO, 14.—Segundo informações recebidas ultimamente, foram efectuadas 900 prisões na parte ocidental de Sumatra. No entanto, a maioria dos chefes rebeldes continuam em liberdade e combatendo.

Uma fusão regeitada

AMSTERDÃO, 14.—A Federação Internacional dos Sindicatos Operários regeitou a sua fusão com a Internacional Russa.

Sanidade pública

A Inspeção de Saúde de Lisboa chamou novamente a atenção dos clínicos para o cumprimento do disposto no § 2.º do artigo 11.º do decreto n.º 12.427 pois que da sua falta na notificação dos casos de moléstias infecciosas os expõe às cominações impostas no mesmo artigo.

Parsifal no 9.º Concerto Fão

A «Orquestra Sinfónica Portuguesa», no programa que amanhã executará no 9.º Concerto Fão, que se realiza no Gimnásio, inclui a 1.ª audição, em Portugal, da «suite», extraída da Ópera, «A Filha de Neve» de Rimsky Korsakov, composição que os amadores de música devem aguardar com o maior interesse e entusiasmo. Nesse programa, e a pedido, figura também o poema sinfónico «Juventude», de V. de

INSTRUÇÃO

A provincia de Moçambique contraíu um empréstimo de vinte mil libras para a construção da Escola de Artes e Offícios do distrito de Lourenço Marques e para a Escola de preparação de professores indígenas, cujos encargos serão pagos pelo fundo das circunscrições

TEATROS

—\*—

No Coliseu

«Fedora», de Giordano

A Fedora de Giordano é, talvez, deste autor, a obra de menor valor musical. Muito superior como técnica e em certas frases como inspiração, são «André Chénier» e «Siberia», esta última recebida friamente em São Carlos, quando há uns vinte anos foi interpretada pela primeira vez.

A Fedora é uma ópera moderna que aparece ao mesmo tempo que a opereta vienesa surge no tablado do teatro com toda a curiosa construção dos seus temas, com a deliciosa melodia dos seus andamentos de valsa. Não admira, pois, que a ovidos menos educados Fedora ofereça pontos de contacto com o género opereta. Mas para quem a destinga entre a ópera e a opereta está feita sem sombra de dúvidas, não pode surgir essa aparência de parentesco.

Giordano procurou principalmente fazer música para peças de actualidade, despidas do arcaico guarda-roupa, dando-lhe um ar moderno, com um ambiente semelhante ao da opereta austríaca e daí até o domínio da ilusão dos olhos sobre os ouvidos para aquelas pessoas que acharam as afinidades mencionadas.

Repare-se em que não é nada vulgar assistir à representação duma ópera vestida à época. Na Fedora há de tudo desde o simples jaquetão à apurimada casaca.

E' muito difícil de cantar, embora não o pareça à primeira vista, a «Fedora», de Giordano. Três partes assumem uma grande responsabilidade: a do soprano (e aqui pode bem chamar-se soprano-dramático), a do tenor e a do barítono. Todas estas vozes têm muito que fazer. Da Companhia que trabalha no Coliseu, com geral agrado do numeroso público que a ela tem concorrido, destacam-se para a interpretar Gíliia Tess, na protagonista, o tenor Barra e o barítono Emiliani. Um agradável conjunto de artistas é este que deu à ópera uma aceitável interpretação, muito especialmente Gíliia Tess que foi mais uma vez boa cantora e ainda melhor actriz.

A ópera no Coliseu termina já. Dizemo-lo constringidos porque ninguém contestará que as suas dez réditas foram qualquer coisa de apreciável, pela qualidade dos artistas, pela direcção orquestral e até pela escolha do repertório.

Nogueira de BRITO

A estreia da Nova Companhia de Circo

O Coliseu dos Recreios vai, desde hoje, dar novamente ao público os seus espectáculos mais predilectos, com a estreia duma nova companhia de circo, cujos números fornecem um dos mais sensacionais programas que Lisboa tem tido ocasião de ver.

Entre esses números figuram o do arrojado domador Alenzimras que apresentará hienas ferozes com as quais executa os mais surpreendentes e sensacionais trabalhos, número este absolutamente novo em Portugal; o de M.ºº Coke que exhibirá lindos «poneyys» que, além de tocarem música, são também maravilhosos jogadores de sóco; o de Miss Volss que apresentará um bellissimo e interessante trabalho com cães e macacos, havendo além destes, maravilhosos trabalhos de ginástica, acrobacia, jonglage e equilíbrios que hão de fazer sensação.

Amanhã realiza-se a primeira «matinée», sendo gratuita a entrada para as crianças até aos dez anos.

Últimas apresentações de Sascha Morgowa

Está dando as últimas representações, no Teatro Salão Foz, a grande companhia de balados russos e divertimentos «Sascha Morgowa» que, dia a dia, vem ali apresentando, com enorme êxito, os mais variados e originais números do seu vastíssimo e moderno repertório.

Merece especial referência «Intrigas do tempo galante» que é dos mais curiosos e artísticos que ali se têm exibido, tendo a valorizá-lo o riquíssimo guarda-roupa com que está vestido e a sua deslumbrante mise-en-scene.

Outros quadros, como sejam «Oye, Negrol», «Happy Sisters», «Transformações», «Jazz! Jazz! Jazz!», etc., são sempre entusiasticamente aplaudidos.

No écran exhibe-se o film em 5 parte «A fuga da noiva», começando os espectáculos às 15 e 20,45 horas.

Brevemente: «Pimi Pami Pumi!», por sessões.

A peça «Mulher...» poema dos corações no teatro de São Carlos

Está marcada para a próxima terça-feira a estreia da companhia de declamação do teatro de São Carlos, com a magnífica peça em 4 actos de Edmond Guirand, «Mulher...» um dos mais estrondosos sucessos da última estação teatral em Paris.

Esta peça que nos apresenta quatro maravilhosas figuras de mulher, a começar na protagonista, que será encarnada pela eminente actriz Palmira Bastos; as personagens masculinas, da qual a principal, interpretada pelo distinto actor Clemente Pinto, é o sedutor sem «dom-juanismo».

Outra personagem masculina da peça vai gravar-se na retina do público pelo sabor pitoresco e satírico do seu exacto e delicioso tipismo de que vai fazer uma criação admirável, o distinto e brilhante actor Henrique de Albuquerque.

No Eden Teatro

Na sua triunfal carreira e sempre com enorme concorrência, prosseguem, no Eden, as representações da sua imortal revista «Cabaz de Morangos», que já hoje completa 266 réditas. A famosa peça mantém-se com todas as sensacionalíssimas atracções da primitiva, e para lhe dar um aspecto de novidade, tem, agora, a ampliação, além de outras atracções, dois interessantíssimos quadros novos, «Fora de Horas» e «A Bala Humana».

Em todos os domingos o «Cabaz de Morangos» tem esgotado a lotação do Eden, amanhã que é o 20.º em que sobe à scena, a empresa, para comodidade do público, resolveu começar, desde já, a venda de bilhetes, que serão cedidos pelos mesmos reduziísimos preços dos dias de semana.

Parsifal no 9.º Concerto Fão

A «Orquestra Sinfónica Portuguesa», no programa que amanhã executará no 9.º Concerto Fão, que se realiza no Gimnásio, inclui a 1.ª audição, em Portugal, da «suite», extraída da Ópera, «A Filha de Neve» de Rimsky Korsakov, composição que os amadores de música devem aguardar com o maior interesse e entusiasmo. Nesse programa, e a pedido, figura também o poema sinfónico «Juventude», de V. de

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

Realizam-se amanhã os seguintes jogos:

2.ª Categoria.—Lusitano-Boa-Hora, no Bom Sucesso, às 14,30; juiz sr. Alfredo Ferreira.

3.ª Categoria.—Lusitano-Sporting de Santos, na Junqueira, às 11; juiz sr. Ernesto Romão. Boa-Hora-Andorinha, nas Saléias, às 12; juiz sr. António Cabral.

4.ª Categoria.—Boa-Hora-Sporting de Santos, na Junqueira, às 9; juiz sr. José Caraca. Gibraltar-Estrela, nas Saléias, às 10; juiz sr. Jacinto Pereira.

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

Sabata; a 6.ª «Sinfonia», em 4 partes, de Tschaiowsky, executando, a abrir e a fechar a audição o «Parsifal» (no «jardim encantado de Klingsor») e a abertura do «Tannhauser», duas grandiosas composições do grande Wagner. Para o 9.º Concerto Fão de amanhã, os bilhetes têm sido procuradíssimos.

CONFERÊNCIAS

«A Prostituição através da História»

No salão da Universidade Livre, literalmente cheio, onde predominava o elemento operário e algumas senhoras realizou-se a conferência sobre «A Prostituição através da História» que há muito vinha sendo anunciada.

Pouco depois das 21 horas tomou a presidência o dr. Magalhães Lima, secretário da pela dr.ª Adelaide Cabete e pelo dr. Arnaldo Brazão. Explicado, sucintamente o que é a Liga Portuguesa Abolicionista (contra a prostituição regulamentada) colectivamente que promoveu a conferência, a primeira de uma série, foi dada a palavra ao professor de história da Faculdade de Letras, dr. Agostinho Fortes.

O orador fez uma bela lição, dissertando de uma maneira fluente e fazendo simultaneamente uma leve crítica aos usos e costumes dos povos.

Abordando a questão da prostituição dumamaneira leve, estuda este mal social nos tempos pre-históricos, refere-se a prostituição sagrada que, no seu entender não devia ser considerada como prostituição, antes fórmulas litúrgicas de uma religião.

Em



MARCO POSTAL

**Agua Belas**—Jose dos Santos.—Recebemos vale de 6500, que julgamos ser para a assinatura do Supplemento de Antonio dos Santos, que ficou paga até 31 de Dezembro, p. p.

**Caldas de Aregos**—Jacinto Pereira.—Recebemos 28550. Pagou a assinatura de 1 de Novembro, p. p., a 31 do corrente. Será satisfeito o seu desejo em fins de Abril, p. l.

**Odeceixe**—A. Rodrigues Nobre.—Recebemos carta e 7350 da assinatura de João Pacheco Pereira, que ficou paga até 7 de Fevereiro, p. l. Vamos responder a assunto de que na carta trata.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid, cheque		3515
Paris, cheque		578
Suiza, cheque		3578,5
Bruxelas, cheque		2571
New-York, cheque		19558
Amsterdão, cheque		7584
Italia, cheque		366
Brasil, cheque		2530
Francia, cheque		558,5
Suecia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4500

TEATROS

**Nacional**.—A's 21.—Justiça...  
**Trindade**.—A's 21, 15.—La Garçonne.  
**São Luf**.—A's 21.—Roma galante.  
**Ginásio**.—A's 21, 30.—O caso do dia.  
**Politeama**.—A's 21.—Gatinhos.  
**Avenida**.—A's 21, 30.—O pé de salsa.  
**Apolo**.—A's 20, 30 e 22, 30.—A Mouraria.  
**Eden**.—A's 20, 45 e 22, 45.—Cabras de Morango.  
**Variedades**.—A's 20, 30 e 22, 30.—O Inferno.  
**Maria Vitória**.—20, 30 e 22, 30.—Sempre fixa.  
**Coliseu**.—A's 21.—Companhia de circo.  
**Salão Foz**.—A's 15 e 20, 30.—Variedades.  
**João de Almeida**.—A's 20, 30.—Animatógrafo.

CINEMAS

**Tivoli**.—Avenida da Liberdade.—Olimpia. — «Matinées» e «noites».—Salão Central. —Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace. —Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathe Cinema. —Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal. —Rua do Loreto.—Eden Cinema. —Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris. —Rua Ferreira Borges.—Alhambra. —Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. —(Mouraria). —Cine-Expectança.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98  
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 6 h. e 10 h.  
Cirurgia, operatório—Dr. Bernardo Vilar—horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h. e 11 h.  
Fígado e bexiga—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 h.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.  
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h. e 4 h.  
Doenças das mulheres—Dr. Emilio Paiva—2 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 h. e 13 h.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.  
Educação e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—1 hora.  
Raios X—Dr. Aleu Saldaña—4 horas.  
Análises—Dr. Gabriela Berto—1 hora.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:  
**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

**Edições SPARTACUS**  
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.  
A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.  
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horário dos comboios

7.º aditamento ao cartaz-horário D. 181

LINHA DE LESTE

A partir de 15 do corrente o comboio de recovas n.º 2002, que actualmente faz serviço de passageiros de 3.ª classe entre Aveiro e Entroncamento, passa a fazer o mesmo serviço até Setil, sendo a sua marcha desde o Entroncamento a seguinte: Combóio n.º 2002, Recovas, 3.ª classe. Não se efectua às segundas-feiras. Entroncamento, partida, 23-22; Tórras Novas, 23-48; Mato de Miranda, 0-09; Vale de Figueira, 0-38; Santarém, 1-19; Vale de Santarém, 1-37; Sant'Ana, 2-00; Setil, chegada, 2-06.

Desde a mesma data o comboio de mercadorias n.º 2005 fará serviço de passageiros de 3.ª classe entre Setil e Entroncamento, com a marcha a seguir indicada: Combóio n.º 2005, Mercadorias, 3.ª classe: Setil, partida, 13-55; Sant'Ana, 14-23; Vale de Santarém, 14-51; Santarém, 15-45; Vale de Figueira, 16-42; Mato de Miranda, 17-20; Tórras Novas, 18-13; Entroncamento, chegada, 18-22.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1927.—O director geral da Companhia—Ferreira de Mesquita.

AVISO AO PÚBLICO

PRAZOS DE TRANSPORTE

A partir de 15 de Janeiro de 1927 e até aviso em contrário, as remessas a transportar nas linhas desta Companhia são aplicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições: Em grande velocidade: a) Os transportes fúnebres e remessas de metálico ou valores, criação e animais vivos, gado, leite, caça morta e carnes frescas, mariscos e pescaria fresca, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flores frescas (cortadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreve a Tarifa Geral (seu art. 58.º e § único) para as remessas de grande velocidade. b) Quaisquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alínea a) serão transportadas em prazo que não poderá ir além de 24 horas cada fracção indivisível de 150 quilómetros de distância a percorrer, não se contando neste prazo o dia da expedição nem o da entrega. Em pequena velocidade: As remessas serão transportadas num prazo que não deve exceder 48 horas para a primeira fracção indivisível de 50 quilómetros, e de 24 horas para cada uma das seguintes fracções de 75 quilómetros não se contando neste prazo o dia da expedição e o da entrega.

O presente anula e substitui o Aviso ao Público A.º 58 de 5 de Março de 1923. Lisboa, 10 de Janeiro de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudos, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

**Miguel Fraga**  
Vende ouro, prata e objectos com brilhantes por baixo preço  
Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para cartelas  
Rua da Palma, 26-28

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA  
E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

**FABRICA**  
cladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.ª**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

**NORTE 5521 e 5528**  
São os telefones dos 60 taxis  
**CITROËN**  
(Palhinha amarela)

**Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs**  
que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro  
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21  
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

**PINHÃO**  
Vende José Capote, Vendas Novas.  
A' VENDA A 10.ª SÉRIE de "Os Mistérios do Povo"  
interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução francesa.  
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.  
A obra mais barata que no género se publica

**Horário de trabalho**  
As disposições legais  
A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5318, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 331. Aos sindicalizados que desejem adquirir quantidade far-se-á um abate de 50 por cento em preços de 50 folhetos.  
Pedidos a administração de A Batalha

**"Educação Social"**  
Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal  
Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.  
A' venda na administração de A Batalha.

**Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"**  
Encontra-se já a venda o primeiro an de este interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Aloisio, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.  
O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45000.  
Encadernação (por capas e índice) 20500.  
Capas e índice em separado, 15500  
Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

**Um livro interessante**  
Acaba de ser posto a venda uma bela obra de RICARDO MELLA, **"IDEARIO"**, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:  
Doctrinas — Critica Social — Educação Libertaria — Tactica — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayos Filosóficos — Ideário — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Potenciales — Lecturas — Fragmento Inédito.  
Preço 15500—Pelo correio 16550  
Pedidos a administração de A Batalha

**LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO**  
Maximo Gorki  
Como se forja um Mundo Nuevo. 6500  
Cuentos de Italia. 6500  
La vida de um Homem Inesicario. 6500  
Wladimir Korolenko  
El Imperio de La Muerte. 6500  
Dr. G. Feydoux  
La vida tragica de los Trabajadores. 10500  
Jean Masestan  
La Educación Sexual. 10500  
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad. 9500  
E. Reclus  
La Montaña. 6500  
El Arroyo. 6000  
Octavio Mirbeau  
El Calvario. 6500  
P. Kropotkin  
La ética, la revolución y el Estado. 6500  
Luis Fabry  
Critica revolucionaria. 6500  
H. Malatesta  
Ideário. 6500  
F. Dostoyevsky  
Los Hermanos Karamazov. 9500  
Trotsky.  
Constituição política da República dos Sovietes. 5500  
G. Williams.  
O congresso da Internacional Sindical Vermelha. 1500  
C. de G. O. N. M.  
Proclamação consciente. 5500

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIENCIA E ENSINO		
Abel Botelho—Amanhã.....	16500	
Alexandre Herculano		
Lendas e Narrativas (2 volumes),	18500	
Cartas (2 volumes).....	18500	
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27500	
Adolfo Lima		
Contracto do Trabalho.....	10500	
Educação e ensino.....	5500	
O ensino da história.....	1550	
Aquilino Ribeiro		
Anatole France.....	3500	
Estrada de São Tiago.....	10500	
Jardim das Tormentas.....	10500	
Via Sinuosa.....	10500	
As Filhas da Babilónia.....	10500	
Terras do Demo.....	10500	
Augusto Machado—Impossível redenção (novela).....	25	
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	10500	
Bento Faria.—Missa nova (teatro em verso).....	2500	
Birel-Sanglé—A loucura de Jesus.....	4500	
Buckner.—O homem segundo a sciencia.....	12500	
Charles Darwin—Origem das especies.....	14500	
Campos Lima		
O Estado e a evolução do Direito	12500	
O Amor e a Vida.....	5500	
Cela dos Pobres.....	2500	
A Revolução em Portugal.....	6500	
Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela).....	25	
Duarte Lopes.—Frei Sangue.....	5500	
Ega de Queiroz		
O crime do Padre Amaro.....	18500	
O primo Basilio.....	15500	
O Mandarim.....	8500	
Os Maíes (2 vols.).....	28500	
A Reliquia.....	15500	
A Cidade e as Serras.....	12500	
Frade Mendes.....	9500	
Casa Ramires.....	15500	
Prosa Bárbara.....	10500	
Ecos de Paris.....	9500	
Carlos Figueiredo.....	9500	
Cartas de Inglaterra.....	9500	
Minas de Salomão.....	9500	
Notas Contemporâneas.....	15500	
Últimas páginas.....	15500	
Contos.....	15500	
Ernesto Haeckel		
História da Criação.....	20500	
Origem do Homem.....	5500	
Os enigmas do Universo.....	14500	
Monismo.....	4500	
Religião e evolução.....	6500	
As maravilhas da vida.....	14500	
Faquet.—Iniciação filosófica.....	5500	
Iniciação literária.....	10500	
Faria de Vasconcelos		
Problemas escolares.....	5500	
Por terras de além mar.....	5500	
Ferreira de Castro		
Sangue Negro.....	2550	
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8500	
A Peregrinação do Mundo Novo.....	6500	
F. Castro e E. Frias—A Boca da Espece.....	8500	
Flamarion		
Iniciação astronómica.....	5500	
Contos de luar.....	5500	
Como acabará o mundo?.....	7500	
Os habitantes dos outros mundos.....	4500	
Felix de Dancow.—As influencias ancestrais.....	10500	
Filho de Almeida		
Lisboa Galante.....	10500	
Estâncias de Arte e Saúde.....	9500	
Figuras de destaque.....	9500	
Actores e Autores.....	9500	
Contos.....	9500	
A Esquina.....	9500	
Aves Migradoras.....	9500	
Barbear, Pentear.....	9500	
Cidade do Vicio.....	9500	
Pasquinadas.....	10500	
Pais das Uvas.....	9500	
Salvam quantos.....	9500	
Vida errante.....	9500	
Vida íronica.....	9500	
Guerra Junqueira.—A morte de D. João Muir em férias.....	10500	
Os Simples.....	9500	
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14500	
Brochado.....	10500	
Gorki.—Os Degenerados.....	4500	
Os Vagabundos.....	4500	
Na Prisão.....	2550	
Ibsen.—Espectro.....	4500	
Casa de bonecas.....	5500	
Jacquinet.—História Universal, 2.ª ed. Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro).....	10500	
José Benedito.—A sciencia redentora (novela).....	5500	
Jesus Pelozo.—O mestre geral (novela).....	25	

E Castillon, erguendo-se nas pontas dos pés, guindou-se o bastante para olhar por cima do muro para os canhões ainda meio envoltos na nuvem de fumo produzida pelas últimas descargas. Duchemin, com um joelho em terra, depois de ter examinado uma bataria inimiga, com o auxílio dum óculo portátil, rectificou a pontaria da sua peça já assendada pelo cabo, enquanto os serventes, à direita e à esquerda, com os diferentes petrechos necessários para limpar, carregar e disparar a peça, se conservavam imóveis nos seus postos. As outras cinco peças, colocadas paralelamente a esta, estavam igualmente rodeadas dos serventes, enquanto os sargentos as assentavam em boa pontaria. O capitão da bataria e os seus subalternos estavam a cavallo, vigiando e dirigindo a manobra. Ao longe, a linha dos austriacos e as colunas francesas desapareciam quasi completamente no meio do fumo que de toda a parte provinha. Contudo, da bataria francesa distinguia-se uma massa de infantaria já tão dizimada pelo fogo contínuo e bem dirigido, que o general inimigo tinha já mandado postar quatro obuzes e quatro peças de seis para acabar com a bataria republicana. Duchemin, depois de cuidadosamente rectificar a pontaria da sua peça, viu o primeiro obuz da esquerda da bataria inimiga; estendeu o braço com o punho fechado na direcção dos austriacos e murmurou:

— Ah! és tu que queres fazer calar a Carmagnole, meu monstro de focinho achatado! (Alusão à forma dos obuzes, curtos e grossos). Eu vou-te provar que não foste feito para cortar a palavra aos meus amores.

Neste momento o clarim de artilharia, obedecendo a um sinal do capitão, tocou a fogo.

— Vamos, meu rapaz! disse o sargento ao servente que tinha o morrião aceso. A sopa está pronta... só falta servir... Fogo!... pronto!

O servente chegou o morrião ao ouvido da peça, o tiro partiu alguns segundos antes da descarga geral da bataria, e Duchemin, tornando a servir-se do óculo para ver o efeito produzido pelo seu tiro, exclamou:

— Pronto!... Uma roda partida... dois serventes da direita mortos!... Viva a República!

A bala da peça de Duchemin tinha efectivamente partido uma roda ao obuz e derrubado dois artilheiros austriacos um momento antes da bataria inimiga romper o fogo; mas quasi ao mesmo tempo esta bataria se cobriu de nuvens de fumo branco e espesso em que transpareciam labaredas... e ouviu-se uma forte e prolongada detonação. Duchemin exclamou, voltando-se para a muralha atrás da qual estavam os voluntários parisienses:

— Cidadãos! cuidado com os obuzes!

Ainda bem Duchemin não acabava de fazer esta advertência, quando chegava ao campo republicano o enorme furacão de ferro vomitado pelos canhões inimigos. As balas não sibilavam, rugiam; os obuzes rebentavam e andavam de lado a lado em continuos ricochetes... O comandante da artilharia republicana foi partido ao meio por uma bala, e os seus restos informes oscilaram ainda um pouco sobre o cavallo que veio a terra. Rebentou um obuz entre duas peças, matando um servente e ferindo gravemente dois outros, que se foram arrastando como puderam até à ambulância colocada dentro da quinta. O tenente mais antigo tomou logo o comando da bataria e bradou:

— Artilheiros! fogo contínuo!... Carregar! pontaria às peças!

O clarim repetiu esta ordem traduzindo-a nas suas notas precipitadas, e os artilheiros rivalizavam em ardor guerreiro, carregando e disparando as peças a porfia.

Nisto ouviram-se atrás dos muros da quinta gritos de: — «Fogo! fogo!» e uma nuvem espessa de fumo em breve envolveu tudo. Era um obuz que tinha rebentado num celeiro cheio de palha, e que determinara o incêndio...

— Por um lado isto não é mau, porque está um frio de rachar! disse Castillon. Mas assim é de mais, e daqui a pouco estamos assados...

Depois, vendo Duresnel, pálido, encostado a espin-

garda, agitando os lábios como se quisesse falar, mas sem poder proferir uma palavra, disse-lhe:

— Então, vizinho, cá está o fogo!... Mas para onde diabo estás tu a olhar com esses olhos assim arregalados?...

E Castillon, seguindo a direcção do olhar fixo e desviado de Duresnel, viu o que era, e disse ao jovem voluntário:

— Não olhes mais para aquele lado... ainda não estás habituado a isto... E' a sorte da guerra.

— Meu Deus! exclamou Duresnel seguindo o conselho de Castillon. E' horrível!... pobres vítimas!

Uma bala, batendo no muro atrás do qual estavam os voluntários, veio de ricochete ter à fileira destes, matando uns, mutilando e ferindo outros... Mortos e feridos jaziam misturados, nadando em sangue... O capitão Martim, ferido por uma bala já com pouca força de projecção, caiu por terra, mas pouco depois levantou-se, apenas contusionado num ombro, e tratou logo de ajudar João Lebrenn e os demais da sua companhia a transportar os feridos para o posto dos cirurgiões, estabelecido a alguma distância. Estes davam os seus cuidados a alguns artilheiros, e também a soldados do 3.º de hussares, porque também tinha rebentado um obuz no meio do esquadrão, matando e ferindo alguns soldados.

O esquadrão, a que pertenciam Vitória e Oliveiros, conservava-se formado em ordem de batalha. A artilharia republicana continuava a operar prodígios de valor. O general inimigo, receando ver a sua ala direita dizimada pela bataria francesa, mandou por um dos seus ajudantes de campo ordenar ao regimento de coiraceiros de Gerolstein para dar um assalto à bataria. Até então escondido atrás duma sinuosidade do terreno, este regimento de cavalaria pesada estava de reserva e ainda não tinha tomado parte no combate; pertencia ao contingente que o principado de Gerolstein tinha de pôr ao serviço da confederação germânica, e era comandado pelo próprio grão-duque reinante. Este principe, de mais de sessenta anos de idade (pai de Frantz de Gerolstein, a quem detinha numa prisão de Estado), tinha ainda o vigor e o entusiasmo da juventude: a sua natural bravura vinha juntar-se o ódio que ele tinha à Revolução. O conde de Plouernel, casado havia pouco tempo com a filha do principe de Holtzerne, era segundo comandante deste regimento. Os cavaleiros usavam coraça e capacete de aço, e casacos com as cores do grão duque — azul claro com gola e vivos cor de laranja, — botas de cano alto e calções de anta branca. Em suma, era um dos melhores e mais temíveis corpos do exército dos aliados. Os soldados, todos no vigor da idade, exercitados, bem uniformizados, bem pagos, tratados como gente escolhida, eram ainda assim disciplinados pelos oficiais às pauladas, segundo o costume alemão. Estes coiraceiros eram o perfeito tipo do soldado monárquico, instrumento cego da vontade do senhor, pronto a matar o pai, mãe, irmãos e concidadãos, ou a marchar contra o inimigo, sempre com a mesma indiferença... matando porque lhe dizem: «Mata!» batendo-se porque lhe dizem: «Em frente!»... A direita do regimento estava o grão duque, homem robusto, de elevada estatura, semblante alivo e rude; ocultava-lhe parte do rosto a viseira do capacete, que tinha um rico penacho preto. Os fidalgos e oficiais da sua casa estavam agrupados a alguma distância dele, que estava conversando com o conde de Plouernel. O conde trajava também o uniforme de coronel de coiraceiros; ambos continuavam assim o seu diálogo:

— Conde, dizia o principe, eu estive ontem com o principe de Condé, que passou por Wissembourg, indo em direcção a Lauterbourg. Eis o que ele me disse: «A República já não é atraída pelos seus generais. Estamos codilhados!» Parece-me justa a observação do principe, e eu prevejo grandes reveses para as nossas armas. Portanto, é bom tomar certas medidas na previsão de acontecimentos futuros possíveis. No caso em que eu morra nesta batalha, lembro-lhe, conde, as suas promessas... Irá ter com o principe Frantz, meu filho, a prisão onde ele se acha, e





## O CARACTER DO SINDICALISMO

## Rescapitulando e refutando

Continuemos a dissecar o escrito para descobrir o mal contido.

Diz-se nas alíneas d) e e):

«Que unidade, é sintoma de franqueza, e que união o é de força».

A contestação que fiz das alíneas anteriores dispensava a destas últimas; porém como o meu opositor toma os dois termos com significado diverso, é baseado no seu próprio critério que eu deixo contestá-lo.

De contrário dizia que estou deturpando!

Ele parte do princípio de que havendo sindicatos de várias tendências não é possível a unidade mas sim a união, que se efectua quando os organismos estiverem de acordo sobre determinado objecto, sendo por consequência, como já se disse, uma ligação passageira e estabelecida liberramente.

Nestas condições a unidade torna-se factível entre organismos de carácter identico, perfeitamente afim, ao passo que a união pode estabelecer-se entre elementos heterogêneos que não permitem a unidade.

Porquanto ele disse que havendo sindicatos de tendência socialista, comunista, reformista, etc., como era possível a unidade?

Deste modo, sendo a unidade a ligação de elementos homogêneos, de funções harmonicamente combinadas, convergente permanentemente a um fim único e, a união, a aliança de elementos de caracteres diferentes, divergentes, atinentes a fins múltiplos, torna-se aquela, incontestavelmente, sintoma de coesão, de estabilidade, qualidade do que é duradouro, do que é menos dissolúvel, portanto mais forte. Pelo contrário a última é significação de instabilidade, de desagregação e por isso mais fraca.

O carácter da primeira é convergente o da segunda divergente.

Logo devemos adoptar a primeira que significa que os nossos esforços devem ser aproveitados, reunidos e coordenados, para o mesmo fim e não a segunda que corresponde a um movimento dispersivo, desordenado e portanto inútil.

A alínea e) já se respondeu. Mas como agora o meu crítico em vez de dizer que o sindicalismo é por contestação liberrária como faz nos primeiros artigos, diz apenas que o é por essência, o que é muito diverso e prova que já retirou a primitiva afirmação, não querendo ter a franqueza e a lealdade de dar o braço a torcer, eu dou também a volta e vou ao seu encontro.

O camarada com quem nesta polémica me acho identificado já demonstrou com toda a clareza e segurança que liberrário não era a mesma coisa que anarquista a pesar de se teimar em empregar os dois termos com o mesmo sentido.

Posto isto, aceito que o sindicalismo seja por essência liberrário visto que o espírito que anima os trabalhadores a lutarem contra a exploração e opressão burguesa e não fundo uma aspiração de liberdade, com qualquer aspecto que se manifeste e por tanto um sentimento liberrário.

Mas sendo liberrário não é, neste caso, anarquista porque este termo implica a aceitação da sua própria doutrina. Liberrário é todo o indivíduo que aspire ou trabalhe pela liberdade, em qualquer campo que se encontre, o que não sucede com o anarquista que trabalhando pela liberdade o faz integrado nos métodos de luta estabelecidos pelos princípios do anarquismo.

O liberrário pode ser o tal inconsciente a que o crítico se refere e o anarquista não, porque é mais doutrinar, é mais dogmático.

Quando a alínea f) já noutro artigo demonstrei que é errada a asserção mantida, visto que não é o anarquismo que determina o sindicalismo revolucionário mas o sindicalismo pela tal maneira de agir que conduz ao anarquismo.

Assim, como está posto na referida alínea, é o sindicalismo que precede o acto anarquista e não este aquele.

Com referência à alínea g) já disse que me julgava impedido de discutir esse ponto porque sendo A Batalha órgão da C. G. T. que é aderente à A. I. T. não devia expor nas suas colunas matéria que parecesse ser de combate àquela internacional, que, de resto, tomada à letra como Associação Internacional dos Trabalhadores não podia ser combatida se fosse na verdade Associação de trabalhadores, mas não é, visto que, consoante reza a crónica, à minha opinião, é Associação Internacional de organizações parciais de trabalhadores anarquistas, em virtude de reunir, como se diz, as tais organizações sindicalistas revolucionárias que são anarquistas. A este respeito de internacionais hei-de falar proximamente pela boca do insuspeito e consagrado Errico Malatesta.

Ora se eu tenho o cuidado de não trazer para este jornal questões que o seu carácter não admite, entendo que o meu antagonista deve fazer outro tanto limitando-se, como eu, a fazer uma exposição descritiva e não apologética para que se não julgue que a alguém de nós foi encomendada sermão.

Além de que é das mais elementares normas da correcção, como muito bem disse o camarada que imediatamente me antecedeu nesta série de artigos, não combater as opiniões de indivíduos, de grupos ou partidos que estão impedidos de se defenderem (não se trata de mim positivamente mas dos que se prosternam ante o sarcófago de Lenine e dos empanados da F. S. I.) O escrupuloso respeito que devemos ter pelo ideal liberrário manda assim quando o queremos pôr acima de tudo.

\*\*\*

Façamos agora, antes de fechar, umas considerações de ordem geral.

Entre o anarquismo e o sindicalismo há uma profunda e incompensável diferença.

O anarquismo é uma filosofia e uma doutrina de carácter essencialmente altruísta e individualista. Embora o conceito económico comunista que Kropotkin lhe imprimeu, que modela as bases morais da sociedade livre na solidariedade e no apoio mútuo, ela não deixa de ter um cunho e uma finalidade individualistas porque considera o indivíduo livre, autónomo, o agrupamento federalista.

Abstraido inteiramente o princípio da autoridade todo o indivíduo deve ter uma rigorosíssima e indefectível noção da responsabilidade do Dever, da Justiça, do Direito, de modo a cortar, ele próprio, a sua liberdade no ponto precisamente onde a liberdade de outro tem começo.

## Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais AO PROLETARIADO DE TODO O PAIS

Este Comité, no cumprimento da sua missão, mais uma vez se vos dirige, apelando para o vosso sentimento de solidariedade, a fim de que no próximo sábado, não esqueçais a situação dos presos, que jazem nas prisões e de suas famílias que sofrem horribes privações, não possuindo pão para os seus filhos.

No momento em que receberdes o vosso reduzido salário, lembrai-vos que existem companheiros vossos que, impossibilitados de auferirem, embora que diminuto, um salário para alimentar os seus, sofrem as torturas do cárcere.

A sua prisão não pode nem deve ser pelos trabalhadores esquecida, porque ela foi originada pelo ódio da burguesia e do Estado, contra aqueles que com dignidade defendem um pouco mais de bem estar para si e para os seus camaradas.

A situação que eles hoje atravessam, todo o trabalhador está sujeito a atravessar, logo que se não deixe explorar.

Espera portanto, este Comité, que todos os trabalhadores contribuam na medida do possível para os presos, tirando quetes nos locais de trabalho e enviando-as ao Comité.

Operário! Cumpre o teu dever de Solidariedade para com os presos!

Lembrai-vos da miséria em que vivem os filhos dos mesmos!

A opressão do capitalismo deve-se responder com a nossa Solidariedade moral e material.

Assim o espera

O Comité Pró-Presos Sociais.

Ora isto implica uma tão requintada perfeição moral e uma tão perfeita consciência do valor da individualidade, como força criadora e impulsora do progresso social, que de modo nenhum se compadece com as taras e com o atavismo da maior parte da nossa actual humanidade, vindas pela superstição da Igreja, pela opressão do Estado e pela fome.

Ninguém pode pretender que tais elementos, quasi todos enfermos, dando mesmo desconto à quantidade atendendo à qualidade e, precisamente por isso, estejam aptos a materializar a esplendorosa ideia do futuro.

E digo precisamente pelo facto de se atender à qualidade, porque sendo a sociedade anárquica baseada no livre entendimento forçoso é que todos, ou a grande maioria, saibam interpretar de modo próprio o sagrado respeito da liberdade.

Esta concepção que será sempre, no estado presente, duma minoria não lhe permite realizar o acto da passagem por não ter condições estruturais nem querer exercer domínio, pelo que é preciso um estado de transição, entrando em campo um elemento, forte e capaz que é o Sindicalismo.

Logo o anarquismo é um movimento altruísta, uma filosofia ética, um objectivo uma finalidade.

O Sindicalismo é, pelo contrário, uma acção que tem a sua causa inicial no egoísmo, no interesse, primeiro do sindicato, depois do sindicato e mais tarde, quando este se apercebe que a acção corporativa não basta, é que põe em evidência o conceito da solidariedade desenvolvido e fortalecido cada vez mais; pelo que tem uma origem absolutamente oposta ao anarquismo embora a ele possa conduzir visto que realiza o tal necessário estado de transição.

Era assim que eu desejaria que esta polémica se fizesse, mas com mais brilho e mais saber do que eu, tratando-se das relações do anarquismo com o sindicalismo, e não pretender vazar os dois no mesmo molde, o que adultera o primeiro e atrofia o segundo.

Gonçalves VIDAL

## Luta de classes

## A situação dos mineiros de Aljustrel

ALJUSTREL, 13. — Há quatro meses que os mineiros estão reclamando aumento de salário, visto não ganharem para o seu alimento e o de suas famílias. E após tão longo tempo, a resposta foram ameaças de despedimento. Assim, atemorizando, pretendem os donos das minas coagir os mineiros decididos a submeterem-se.

A classe dos mineiros atravessa um período de grande miséria. A empresa resolveu tornar-se generosa, distribuindo, no princípio do ano, uma «gratificação» que foi de 35 a 45 escudos por 5 e 6 dias de trabalho.

Os mineiros queixam-se com revolta da situação em que permanecem. Depois da aquela gratificação, que muitos não obtiveram para desconto do que «deveriam», nunca mais lhes foi abonado um centavo. Imagine-se como poderão sustentar cinco e seis filhos.

A direcção das minas não presta atenção às reclamações dos trabalhadores, a pesar de o custo da vida se ter elevado a mais de 50 por cento. O regime de empreitadas continua vigorando, causando muitos prejuízos aos operários.

E as instantes reclamações, durante quatro meses, apenas conseguiram que meia dúzia de operários tivessem um aumento de 8 por cento. Tanto estudo para quê? Em 1925, quando o custo da vida diminuiu 8 por cento, não foi preciso estudar para uma baixa de 10 por cento nos salários. — E.

O Sindicato dos Manufactores de Calçado em defesa da tabela do preço da mão de obra

Os industriais de sapataria preparam-se há muito tempo para abolir a tabela de preços da mão de obra defendida pelo Sindicato dos Manipuladores de Calçado de Lisboa. Nenhuma oportunidade se apresentou melhor do que esta em que a crise obriga a raciocinar o pouco trabalho existente.

Acerca da notícia que ontem publicámos com o título supra, diz-nos o nosso informador dos hospitais que o caso se deveria ter passado com o porteiro Joaquim e não com o «servente Amaro», pois este só entrou de serviço depois da consulta do dr. Alvaro Lapa.

## Vida Sindical

## Comunicações

Sindicato da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Na reunião efectuada em 12 p. p., foi aprovado o relatório moral e financeiro da gerência do ano findo, e resolvido que a nova comissão administrativa tome posse no dia 19.

Entre as várias resoluções que foram tomadas a propósito de diversos assuntos, merece especial atenção, isto para conhecimento de todo o operário componente da indústria, que o dinheiro da casa dos trabalhadores, que até à data tem estado entregue a este organismo, fosse depositado num estabelecimento que ofereça garantias.

A importância a depositar será actuada com o juro de 10 % referente aos dois últimos anos de gerência da comissão administrativa do Conselho Técnico, que depôs o mandato.

Fragateiros do Porto de Lisboa. — Reuniram em assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o ano corrente que deu o seguinte resultado:

Direcção. — Presidente, Manuel Pereira Ramilo; Secretários, José Maria de Oliveira Possante e José Maria de Assunção; tesoureiro, Manuel Gomes Rico; vogal, João Pedro Gonçalves.

Conselho Fiscal. — Presidente, José Moreira Júnior; secretários, Silverio Rodrigues de Abreu e Manuel Maria de Pinho Costeira. Assembleia Geral. — Secretários, Manuel Pereira de Sousa e Francisco de Oliveira Pinto.

Impressores tipográficos. — Em reunião de direcção foi resolvido manter o mais estreito entendimento com as classes que manufacturam ou vivem dos jornais e actuar junto das mesmas, para que dispensem a mais completa solidariedade moral e material a qualquer movimento que venha a ser posto em prática.

Associação de Classe das Partelras. — Reuniram-se ontem, sob a presidência da sr. D. Conceição Arcizel, secretária das par. D. Deslinda Gonçalves e Adeline Figueira, a assembleia geral, sendo lido o alvará e os estatutos de aprovação da Associação, falando várias coisas sobre o exercício ilegal da profissão, regulamentação do exercício, organização de várias conferências, e procedendo-se à eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado: assembleia geral: Presidente, Maria da Conceição Arcizel; 1.ª secretária, Josefina Marques; 2.ª secretária, Alice Augusta da Silva; suplentes, Nazaré de Matos Dias e Laura Branco de Sá Chaves. Direcção: presidente, Adeline Maria Gonçalves Figueira; secretária, Benigna Rita Pereira Bento; tesoureira, Deslinda Maria Gonçalves; vogais, Belmira Neves Moreira, Glória Luísa Teixeira, Herénia da Silva Chaves e Júlia Lourenço Costa. Suplentes, Palmira Teixeira Machado e Maria da Conceição Lagos. Comissão de Instalação e Propaganda: Adeline Maria Gonçalves Figueira, Palmira Teixeira Machado e Maria Conrado Vieira Veloso Lima. Suplentes: Maria da Piedade Pereira e Maria Emilia R. Amaro Guimarães.

## Convocações

REUNEM HOJE:

Sindicato Único dos Fogueiros de Mar e Terra. — Pelas 19 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Leitura da acta transacta e continuação dos trabalhos sobre o caso do ex-tesoureiro.

DIAS PROXIMOS:

Federação ferroviária. — Refine-se na próxima segunda-feira, pelas 18,30 horas a comissão executiva deste organismo, para tratar assuntos importantes.

## Sindicatos da província

C. Civil de Linda-a-Pastora e Arredores. — Reuniram em assembleia geral na passada terça-feira, para a eleição dos corpos gerentes, que ficaram constituídos da seguinte forma:

Direcção: presidente, Francisco José Simões; tesoureiro, António Trindade Junior; secretários, Joaquim Duarte e Júlio José Simões; vogais, António Telha e José David. Assembleia geral: secretário, Joaquim Martins e João Amadeu. Conselho fiscal: presidente, José Cardoso Azevedo; secretários, Silverio dos Santos e Vitorino Assis Chaloca, relator. Delegado directo à Federação, Manuel Gonçalves.

Após vários sindicatos se pronunciarem sobre a falta de pagamento de quotas da parte de vários sócios, é aprovada a seguinte proposta: «Proporho que os sócios em atraso de mais de 12 quotas sejam considerados readmitidos, inscrevendo-se com novo número e paguem 12 quotas das atrasadas, em conformidade com a letra dos estatutos.»

Também foi aprovado o seguinte aditamento à proposta: «e que a nova direcção comunique aos sócios nas condições referidas, as resoluções desta assembleia.»

Federação Nacional da Construção Civil. — Secção de propaganda no Norte. — Reuniram no dia 11 do corrente este organismo com a presença de todos os seus membros, e depois de dar o devido despacho a vários expedientes, apreciou um extenso relatório dos delegados que em Novembro passado foram ao Minho, em cujo documento expunham claramente o que se passou durante a missão que lhes foi confiada.

O delegado que foi a Paredes fez várias considerações sobre a sua missão, terminando por comunicar que na próxima reunião apresentará o seu relatório escrito.

A fim de se concluir o relatório social e financeiro foi resolvido diligenciar adquirir alguns documentos extraviados quando do encerramento, pela autoridade, da sede do Sindicato e consequentemente deste organismo, para depois de confeccionado o dito documento o enviar à Federação.

Por último foi resolvido oficial ao Sindicato de Viana, para saber se já reatou as relações com os organismos centrais e para a Federação, a fim de informar quais os Sindicatos que têm regularmente requisitado expediente, bem como para que envie a importância da receita correspondente à propaganda nesta região.

Volta a reunir este organismo na próxima terça-feira pelas 21 horas, na rua de Entreparedes, 33-1.º.

## Juventudes Sindicalistas

Federação. — Secção de propaganda no Norte. — Na reunião de 11 do corrente, apreciou um relatório do Sindicato da Construção Civil de Viseu congratulando-se com a ida àquela cidade de um delegado deste organismo federativo e oferecendo a sua solidariedade moral à juventude, foi tomado

## NOTÍCIAS DA CHINA

## O movimento libertário perante a atitude dos generais em luta

Comunicam os nossos camaradas da China que a actividade da sua propaganda é seriamente embaraçada pelas consequências de uma guerra civil alimentada pela rivalidade de chefes militares.

Todavia, empregam grandes esforços na expansão do anarco-sindicalismo. Em Xangai publicam um semanário *A arma do povo*. A editorial «Sino do povo» iniciou a publicação de obras completas de Kropotkin, sendo o primeiro volume *A conquista do pão*. Também publicou um livro de B. P. que tem o título de *Crítica ao marxismo*.

Além disso, publica-se um modesto periódico, *Bandeira Negra*, dirigido por Lu-chien-Bo e Lu-chien.

Os acontecimentos no movimento operário internacional, especialmente, os que interessam à tendência libertária, são tratados em *A onda negra*. Aos esperantistas e militantes se roga o envio de informações a Lu-chien-Bo, National University, 318, Bubbling Hill Road, Xangai, China.

O movimento teria um notável desenvolvimento se não faltassem os necessários recursos económicos. O bolxevismo chinês não carece de recursos porque é ajudado profundamente pela Rússia. O nosso movimento sofre, como nenhum outro, de represálias e o socorro dos perseguidos reduz ainda mais as fracas possibilidades.

No norte e no sueste da China governam quatro generais: Wu-Pei-Fu, Chang-Su-Ling, Yan-Su-Qiesiang e Sun. Cada qual o mais reaccionário. Todos impedem a menor manifestação libertária e perseguem fustosamente o nosso movimento. As livrarias revolucionárias são encerradas por eles e apreendidas todas as publicações. O verdadeiro, o único movimento revolucionário está jugulado, não se permitindo a existência de sindicatos que não sejam reformistas ou religiosos.

No sul da China, Chiang-Gai-Sen-foi bem acolhido pelo partido Kuo-Ming-Tang. Depois da morte de Sun-Yat-Sen foi nomeado chefe do exército e, desde então,

domina completamente, não só no exército como no chamado governo do povo. Também o movimento revolucionário libertário é ferocemente perseguido. Por esta razão, a vitória de qualquer das potências militares em luta não nos dará o menor proveito. Se Wu-Pei-Fu for derrotado, como se prevê, e Chiang se apoderar da província de Hupei, o sistema de opressão nada se modificará. O poder do general Wu-Pei-Fu está também muito ameaçado em Pequim pelas forças de Chang-Tsi-Ling. Este último, tendo tomado Hupei, dirige-se para a província de Kiang-si-Zu, onde domina Sun-Tschung-Yong.

Toda a liberdade de opinião, propaganda, imprensa, e até de correspondência está interdita nas províncias em que governa o general Chang. O custo da manutenção do exército é imposto pela força. O nosso pequeno mensário foi suprimido. O tal exército «revolucionário» publicou a seguinte proclamação:

1.º O operário que queira trabalhar tem de aderir ao Kuo-Ming-Tang.

2.º O lavrador que queira arrendar ou lavar um terreno tem de aderir ao Kuo-Ming-Tang.

3.º O mercador que queira fazer comércio tem de aderir ao Kuo-Ming-Tang.

4.º O estudante que queira estudar tem de aderir ao Kuo-Ming-Tang.

E assim sempre no mesmo sentido. Todos os sectores populares são obrigados a aceitar o jugo de um partido que, embora passe por democrático, popular e republicano, é apenas um partido de propriedade privada, de capitalismo e de ditadura militar. E esse partido é apoiado pelos bolxevistas.

Como se pode ver no que antecede, as forças que na China disputam o poder são tudo menos libertárias.

Os esforços que devemos fazer para vencer os obstáculos que embaraçam o nosso movimento e a liberdade das classes oprimidas são, pois, consideráveis. (Recebido do Serviço de Imprensa da A. I. T.)

## INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

## A reforma tem que ser feita de forma a abranger todos os ramos de instrução e torná-la acessível à bolsa de todos os trabalhadores

O que à volta da nova reforma do Ensino Secundário ultimamente se tem desenvolvido, é tudo quanto de mais interessante se pode imaginar.

Chega a causar estranheza como dum assunto de tamanha gravidade e importância, se tenha feito um caso tão simples e rendoso. Este caso da reforma da instrução não tem só o lado instrutivo, tem também, e não pouco, o seu ponto rendoso.

Primeiro era o importante «Notícias» — aquele «Notícias» do «Argus», que para melhor tratar do caso Angola e Metrópole, até nos burlou com fotografias de sua intervenção — que dizendo-se representante da mocidade portuguesa, daquela mocidade que à falta de melhor vai frequentando os Liceus, sem na maioria dos casos ter uma finalidade em mira, proclamava a redução de ventos a absoluta necessidade de reduzir o curso liceal, uma vez que, provado estava, o curso de sete anos ser assim qualquer coisa como o potro da inquisição ou o suplicio de Tantalos.

Depois, como se essa constante e mal feita lamúria não bastasse e também para não perder o conceito dos pais dos alunos, a quem o caso interessava, surgiu «O Século», desinteressado e honesto, a gritar que ou os rapazes deixavam de estudar o último ano, ou a raça dentro em pouco ficaria reduzida a pó, terra, cinza e nada, visto que o último ano, isto é, o sétimo, era o depauperamento da raça e o exterminio da população escolar.

Para eles e sem que até agora se tenha descurado o intento, a redução do curso impunha-se, ainda que feito à custa dos maiores sacrifícios; não era o operário mal alimentado, passivamente instalado e miseravelmente enroscado, obrigado a trabalhar horas e horas, num labor constante e árduo, quem mais contribuía para esse definhamento que por aí se nos depara, como não eram os filhos desses mesmos operários e duma grande parte do funcionalismo, em tudo tão explorado como os outros, que roubados ao ensino primário e aos carinhos dos seus, no desabrochar da infância são atirados para o enxuro das oficinas, para os perigos das ruas e para as quatro táboas dum sórdido balcão, sujeitos a todos os contratempos da sua pouca idade e ao mau humor do patronato, para auferirem um ordenado que embora fraco os ajuda a equilibrar o orçamento caseiro, os seres esqueleticos e doentios que povoam as grandes antenas, e pululam nos grandes centros, tuberculosos, chagados e muitas vezes armados em grandes criminosos. Para um e para outro e de passagem se deve dizer, para um razoável número de pais de alunos, o causador de todos esses males, mancha negra duma época que se diz civilizada e moralizadora, eram os sete anos do Liceu. Daí a guerra de extermínio que lhe moveram e a vitória passageira e fugaz do dr. Ricardo Jorge, vitória que se extinguiu facilmente.

Mas já lá vai a aureola da Reforma; como em consideração resolvido oficial aquele Sindicato.

O secretário geral procedeu à leitura do relatório da sua delegacia a Viseu sendo o referido documento aprovado e resolvido oficial à F. J. S. expondo-lhe o resultado dessa missão, bem como oficial à comissão reorganizadora do Núcleo naquela localidade para requisitar expediente quando julgar necessário.

Foram ainda apreciados assuntos de carácter interno.

Por último foi resolvido oficial ao vogal para que seja mais assíduos as reuniões e envie o livro das actas da secção.

\*\*\*

Reine a secção leucera na próxima terça-feira, pelas 21 horas.

Já lá vai a vitória do sr. Ricardo Jorge! Hoje e segundo se depreende da leitura dos jornais — são os próprios alunos, aqueles que antes clamavam contra a extensão do curso, os que mais o solicitam e querem, e tão entusiasticamente o fazem que ao obterem a certeza da sua vitória, rompem em frenéticas aclamações às individualidades que no caso tiveram interferência.

Não sei, nem isso decerto me preocupa que dirão agora esses grandes colossos da informação que ultimamente mais nos têm parecido dois gatos de viela, — tanto se têm agastado — ao verem que neste caso como em tantos outros a sua opinião era completamente diferente da opinião dos interessados; mas digam eles o que quiserem, o que está provado é que esta reforma foi um belo pretexto para que certas pessoas puzessem à prova o seu patriotismo; e se não, reparamos como só depois dela uma boa parte do professorado secundário descobriu que Portugal tinha a sua dívida de guerra que necessitava pagar, e também e não pouco, para demonstrar as grandes facilidades legislativas de determinados indivíduos para quem as necessidades alheias em tudo muito diferentes das dos seus razoáveis estômago.

De maneira alguma eu pretendo dizer que o curso liceal não necessita de ser encurtado, tanto na sua duração como até na matéria; não; mas o que julgo é que uma reforma de instrução, seja ela em que ramo for mas muito especialmente no secundário ou superior, não a faz quem quer e muito menos quem antes das deficiências do ensino nota as deficiências do seu vencimento. Reformador não é aquele que começa por se aumentar a si próprio e a cortar nos escassos e irrisórios vencimentos dos outros, como princípio de moralidade, ou a conceder garantias para si que para os restantes considera demasiadas. Reformador será aquele que faça uma obra, que salve a mocidade dessa completa apatia em que por aí vegeta, e isso ainda, como reforma de instrução, apenas pode admitir, quando seja feita por um cérebro desempoeirado e em nome dos mais sagrados princípios de humanidade.

Uma reforma apenas como tal se pode aceitar, quando ela abranja todos os ramos de instrução, desde o primário ao superior e cuide tanto dos interesses dos ricos como das necessidades dos pobres, ao contrário do que presentemente sucede, em que só o rico pode estudar, tal a carestia das propinas e o custo dum curso. E essa reforma de forma alguma pode ser tentada por um cérebro tacanho ou egoísta, para quem as transformações sociais não existem.

O restabelecimento do 7.º ano liceal e o correspondente exame de saída, é a mais forte machadada vibrada em tal reforma, pois que a esta outras se seguirão, mais tarde algumas delas do condão de salvar a instrução do caos para que parece caminhar. Isto é, duma instrução deficiente e só para privilegiados? Duvidamos, porque além do aluno proveniente dum meio corrompido cuidar mais de saber o valor político e social dos pais do que da lição que o professor lhe ministra, a verdadeira reforma deve partir da escola primária, hoje tão abandonada, onde a criança deve encontrar tudo quanto necessita, desde o alimento do estômago, o feto que o agasalha até ao pão do espírito, e depois ir até ao ensino superior mas de forma, a dar aos que trabalham mais que querem estudar, saber e ser alguém a faculdade para tal, desde o barequeamento das propinas até à facilidade de poder frequentar as suas aulas nas horas convénientes, com a sua vida, isto é, à noite, após a saída das oficinas, sem isso não haverá reforma que sirva ou que alcance o fim almejado.

Paulo EMÍLIO.